

CONDIÇÕES DE TRABALHO, DE VIDA E SONHOS DE MULHERES NA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE JAHU: primeira aproximação com a problemática das sapateiras jauenses

Angela Cristina Ribeiro Caíres¹

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar, ainda que de forma não conclusiva, as condições de trabalho, de vida e os sonhos de mulheres na indústria de calçados femininos de Jahu, município do interior paulista. Busca-se compreender como se dão as condições de inserção das mulheres nesse mercado de trabalho específico, como estão estruturadas suas condições de trabalho, de salário, as oportunidades de emprego e de promoção em relação aos homens e quais os sonhos, ou perspectivas que alimentam diante de uma realidade de trabalho particular e em um espaço específico – a cidade de Jahu – ambiente ainda pouco explorado pelos estudos sobre o trabalho na contemporaneidade.

De forte tradição agrícola, tendo passado pela cultura canavieira e posteriormente pela do café, retornando para a cana de açúcar, a cidade de Jahu apresenta um desenvolvimento industrial importante nos últimos 60 anos, fundamentado principalmente na indústria calçadista que começa a se desenvolver na década de 1940. Depois de permanecer tímida nos anos 1950 e 1960, a partir dos anos 1970, 1980 e 1990, com o crescimento do setor, impulsionado pelo desenvolvimento do mercado interno, o município se consolida como um pólo produtor e comercializador de calçados femininos no estado de São Paulo. Jahu é hoje conhecida como a Capital do Calçado Feminino.²

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) Araraquara/SP e docente da Faculdade do Interior Paulista – Barra Bonita/SP e-mail: angelacaires@uol.com.br

² Esse título deve-se ao fato de os pioneiros que produziam calçados na cidade de Jahu terem feito a opção pelo calçados femininos. Posteriormente, os funcionários que saíam dessas fábricas para montarem a sua própria empresa, entravam também no ramo feminino. Também a ABICALÇADOS, apoiada em dados de produção afirma que 95% da produção de calçados do pólo calçadista de Jahu é dirigida ao público feminino (MARTINS, 2013, p. 18).

Diante do crescimento, desenvolvimento e afirmação dessa indústria, e com os incentivos ou apoios governamentais, que se verificam a partir da primeira metade dos anos 2000,³ passou a se constituir no município o que atualmente é chamado de Arranjo Produtivo Local (APL), ou *cluster* industrial ou ainda distrito industrial,⁴ pois, além das indústrias fabricantes de calçados propriamente ditas, o município abriga um conjunto de outras empresas que subsidiam a produção do calçado, tais como curtumes, fábricas de solado, de fivelas, de artefatos em couro e outros componentes.

A produção de calçados em Jahu, em particular o chamado APL tem sido objeto de várias pesquisas, especialmente nas áreas de engenharia de produção, administração, gestão ambiental e geografia econômica. Estes estudos têm se preocupado em analisar aspectos relativos às questões ligadas ao APL, tais como sua composição (número e porte das empresas), funcionamento (relações de interação, cooperação e solidariedade entre empresas), distribuição espacial (concentração geográfica das empresas), o que poderia levar a eficiência coletiva e vantagem competitiva, questões ambientais, etc. (OLIVEIRA, 1999; CONTADOR JR 2004, ALVES, 2006)

Embora tragam importantes contribuições para a compreensão da realidade da indústria calçadista jahuense, de sua estruturação, inclusive apresentando questões relacionadas ao trabalho e sua organização, essas pesquisas limitam-se a mostrar o APL pelo viés de suas áreas de interesse e, diria, da óptica do capital.

De um ponto de vista mais crítico, ou seja, uma análise que ultrapasse as preocupações capitalistas e introduza questões de cunho sociológico é ainda pouco detectada. Na verdade percebe-se que na área da Sociologia a realidade deste APL, particularmente no que diz respeito às problemáticas que afetam as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores do setor calçadista de Jahu, começa a chamar a atenção e despertar o interesse de alguns pesquisadores. Em uma rápida pesquisa realizada pela Internet, certamente não conclusiva, foi identificado um trabalho cujo título é *As Artimanhas da Flexibilização no Arranjo Produtivo de Calçado de Jaú*, de autoria de Ângelo Martins Junior e Attila Magno e Silva Barbosa, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Nesse trabalho os autores analisam as estratégias de

³ De acordo com Alves (2006, p. 45), na primeira metade dos anos 2000, há, por parte do governo, o início de uma série de ações objetivas para pôr em ação a política da definição de um Termo de Referência para a Política Nacional de Apoio ao Desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais, aprovada em 16/04/2004.

⁴ Na literatura especializada, é definido como APL, *cluster* industrial ou distrito industrial “a concentração de várias empresas do mesmo setor e no mesmo local.” (ALVES, 2006, p. 6).

flexibilização produtiva utilizadas pela indústria calçadista de Jahu, levando em conta o discurso de formalização das relações de trabalho que o APL de Jahu veicula no sentido de atingir novos mercados, principalmente o externo, e de se desvencilhar do rótulo de utilizador de trabalho precário e explorador do trabalho infantil (MARTINS JUNIOR; BARBOSA, 2011, p. 266).

Também o trabalho de Felipe Rangel Martins, intitulado *Autonomia Empreendedora ou a Legitimação da Precariedade? Trabalhadores Domiciliares na Indústria de Calçados*, apresentado, em 2013, como monografia de conclusão de curso ao Departamento de Ciências Sociais da mesma Universidade acima citada, se mostrou de grande importância. Ao analisar a ideologia do empreendedorismo entre trabalhadores domiciliares das bancas de calçados de Franca, Jahu e Birigui, o autor oferece informações relevantes sobre essa modalidade de trabalho na cidade, destacando o caráter precário dos processos de externalização da produção.

Todavia, percebe-se, ainda, uma carência de estudos que busquem maior aproximação com este universo e com a realidade concretamente vivida por trabalhadores do setor, especialmente mulheres.

É justamente o desejo de contribuir para o preenchimento dessa lacuna o que nos motiva para este trabalho. Trata-se de uma pesquisa exploratória, preliminar e não conclusiva, que, na verdade, constitui uma primeira tentativa de aproximação com a realidade vivida por um grupo de mulheres trabalhadoras que atuam na produção de calçados em Jahu, seja nas fábricas formalmente constituídas, ou em bancas de calçados que atuam no mercado informal.

A pesquisa, cujos resultados são aqui apresentados, foi realizada em 2006. A investigação realizada consistiu na aplicação de um questionário composto de questões abertas e fechadas, cujo objetivo foi captar as experiências concretas de trabalho e de vida de um grupo de 10 trabalhadoras do setor. As 10 informantes que tiveram participação efetiva na época da pesquisa realizavam seus trabalhos no setor formal - fábricas de calçados - ou no setor informal - bancas de calçados que se localizavam em diversos bairros da cidade, normalmente instaladas nas casas dos trabalhadores.

Nessa pesquisa, além dos dados sociodemográficos, procurou-se investigar sobre o trabalho realizado por essas trabalhadoras: funções exercidas, condições de trabalho, de salário, oportunidades de emprego, de promoções, treinamentos e/ou cursos oferecidos e relações com o sindicato da categoria. Questões sobre a sua relação com a vida doméstica e com o tempo livre foram também propostas com o objetivo de

possibilitar maior aproximação com a realidade dessas mulheres. Por fim, tentando penetrar um pouco mais na subjetividade das trabalhadoras, solicitou-se que escrevessem um pouco sobre o significado de trabalhar com calçados, se preferiam outro tipo de trabalho, e pediu-se para que relatassem suas perspectivas e sonhos.

Os questionários foram entregues para as trabalhadoras em suas residências. Após terem sido esclarecidas sobre as intenções da pesquisa e terem assinado o termo de consentimento livre e esclarecido, foram respondidos, pelas próprias trabalhadoras, em seus horários livres.

Neste momento em que escrevemos este trabalho, aos dados concretamente pesquisados foram acrescentadas informações obtidas em trabalhos acadêmicos elaborados após a realização da referida pesquisa.

2 Algumas Questões Teóricas

Este trabalho busca articular três categorias analíticas que têm sido de grande importância na interpretação da realidade vivida pela mulher no mundo do trabalho. Trata-se das categorias trabalho, gênero e divisão sexual do trabalho.

Assim, entende-se que trabalho compreende toda atividade que o ser humano desenvolve utilizando sua energia física e psíquica com o objetivo de satisfazer suas necessidades ou atingir determinado fim. Como necessidade natural do homem, consiste em um ato de transformação, um ato pelo qual o homem entra em relação com a natureza e a transforma. Retira aquilo que esta lhe oferece e transforma em coisas úteis à sua existência.

Por meio do trabalho o homem constrói o mundo e a si mesmo. Modifica a natureza e a sua própria natureza. O que caracteriza o trabalho humano é a racionalidade. Ou seja,

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1984, p. 202).

Interpretando e complementando o pensamento de Marx, Silva et. al. (2006, p. 78) destacam:

[...] o trabalho é a categoria que permite pressupor que os indivíduos apenas podem viver – orgânica, material e culturalmente – se efetivarem a contínua transformação da natureza e de si próprios. Diferentemente do que ocorre na esfera biológica, essa transformação da natureza é teleologicamente arquitetada; seu resultado é previamente construído a partir da experiência e de valores socialmente constituídos. [...] O que o revela como categoria chave para a compreensão da realidade social é o fato de constituir-se em relação fundamental da existência humana e social.[...]

O trabalho é, portanto, categoria central da existência humana. Ao longo da história, porém, e de acordo com as relações sociais de produção que a sociedade assumiu, esse passou por diferentes concepções: Escravo, Servil e assalariado. Na sociedade capitalista, a atividade transformadora do homem se transforma em força de trabalho, logo em mercadoria a ser explorada, conduzindo o trabalhador a um processo de alienação. Deixa de ser instrumento de realização humana para garantir a sobrevivência. Trabalho com o qual o trabalhador não se identifica, e em cujo produto não se reconhece, trabalho estranhado.

Tal distorção, segundo Marx, ocorre ao longo do processo de criação de valor, quando o trabalho se transforma na mercadoria força de trabalho. Esta transformação se efetiva através do trabalho abstrato tornado social por via de sua generalização. Abstraído de suas características concretas, o trabalho torna-se, na produção capitalista, simples dispêndio de energia indiferente às suas manifestações singulares. Assume, assim, forma fenomênica particular, que emerge de novas relações de produção social. Aqui, o movimento de criação de valor assume papel central, sobrepondo-se às determinações elementares do trabalho, quais sejam, a de intercâmbio entre homem e natureza (SILVA et al. 2006).

Além de perder suas características fundamentais e singulares, na produção capitalista, o trabalho sofre ainda a interferência de outras variantes, sendo uma delas o gênero.

O gênero, segundo Scott (1990, p. 12) “[...] é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar relações de poder”. É construído socialmente e, como sistema de relações sociais, não está só dentro de casa, mas se manifesta em toda a sociedade: na rua, nas instituições, no Direito, na fábrica. É, portanto, produto e produtor das relações sociais e como tal acaba engendrando sujeitos diferenciados,

melhor dizendo, sujeitos sexuados. O gênero seria, portanto, uma construção “[...] que não se dá apenas a partir de um corpo culturalmente elaborado, mas se processa através das atividades realizadas pelas mulheres e pelos homens na sociedade, ou seja, através da divisão do trabalho entre os sexos (SAFIOTTI, 1992 apud SILVA, 2008, p. 213).

Refletir sobre a realidade investigada, articulando trabalho e gênero, implica em tomar as trabalhadoras em sua situação concreta de vida e de trabalho, considerando-as em um universo amplo que envolve não apenas o espaço de trabalho, mas também o espaço da casa, da família. Assim, deve-se levar em conta que o lugar que ocupam no mundo do trabalho decorre de uma divisão sexual do trabalho precedida por relações sociais que se verificam na sociedade e que tem no trabalho ou, melhor dizendo, nas relações de trabalho, apenas mais um *locus* de sua reprodução. Nesse sentido, observa Lobo (1991, p. 10): “As relações sociais organizam as divisões da sociedade e a divisão sexual do trabalho é um *locus* fundamental das relações entre os sexos”.

A divisão sexual do trabalho, como bem esclareceu Lobo (1991, p. 8), não resulta de uma ‘causa original’ derivada das estruturas, mas “[...] trata-se de uma construção histórica, que se dá através das práticas, culturas, instituições, etc.” A divisão sexual do trabalho mostra onde estão os homens e as mulheres no mundo do trabalho. Mas, “[...] para não cair em explicações baseadas na natureza de homens e mulheres, o lugar atribuído a uns e outros só pode ser compreendido quando dimensionado em termos históricos e sociais.” (GAZZONA, 1997, p. 92).

Na sociedade contemporânea, a divisão sexual do trabalho, ao se apropriar dos “talentos” femininos como habilidade manual, destreza, delicadeza, jogo de cintura, sexto sentido, responsabilidade, etc , ao mesmo tempo em que associa o trabalho das mulheres às suas atribuições domésticas tem atribuído à elas lugar pouco favorável.. Às mulheres são reservadas formas precárias e atípicas de trabalho e emprego, tais como o trabalho em tempo parcial ou de subcontratação, como é o que acontece nas bancas de calçados terceirizadas.

Assim, as relações de trabalho, como *locus* de relações sociais e também de gênero, recriam, como afirma BLASS (1995, p.144), “uma subordinação que também existe em outras esferas da vida social.”

3 A Indústria Calçadista na Cidade de Jahu

A cidade de Jahu está localizada na região centro-oeste do estado de São Paulo, a 300 km da capital do estado. Segundo informações do Censo do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) de 2010, a cidade possui uma população de 131.040 habitantes.

A região de Jahu transitou da produção canavieira para a do café e com a crise da economia cafeeira, retornou para a cana de açúcar. Na década de 1940, ao lado da produção sucroalcooleira, a cidade começa a caminhar para uma economia industrial baseada na produção de calçados, ao lado de outras atividades como: mecânica pesada, mecânica de precisão, gráficas, cartonagens e indústrias alimentícias.⁵

As primeiras bancas de calçados chegaram pelas mãos do italiano Giuseppe Cantadore, que instalou uma sapataria, em estilo artesanal, na cidade. A presença deste empresário é marcante na história da indústria calçadista de Jahu. A produção de calçados masculinos – sapatões com sola de borracha – mais fáceis de produzir em razão de preservar uma modelagem fixa, destinava-se principalmente a viajantes e consumidores da região, especialmente trabalhadores. Mais tarde, década de 1950, outros empresários aderiram à produção de calçados: Romeu Musegante, Jarbas Faracco (técnico contratado por Musegante para montar sua fábrica de calçados) e dão início à produção ainda em pequena escala e em pequenas fábricas. (ALVES, 2006, p. 84).

Desde o início, os pioneiros enfrentaram problemas para a aquisição de mão de obra especializada, o que os obrigou a cuidar do treinamento dessa mão de obra. Nesse sentido, Alves (2006, p. 84) anota: “Nessa época não existia mão-de-obra especializada dentro do município. Coube ao senhor Jarbas Faracco elaborar e aplicar todo o tipo de treinamento no desenvolvimento dessa mão-de-obra.”

A escassez da mão de obra treinada, por sua vez, criou oportunidade para a formação de um contingente de trabalhadores que passou a ser detentor de um saber técnico de grande importância para o setor. Muitos tiveram que “*aprender fazendo*”. (ALVES, 2006, p. 85).

Com o desenvolvimento de novas fábricas, essa mão de obra treinada passa a sofrer ampla mobilidade, transferindo-se de uma fábrica para a outra, já que era disputada pelos empresários. (ALVES, 2006, p. 86). Essa teria sido, segundo os

⁵ Até o início dos anos 2000, a cidade de Jaú abrigava uma importante indústria do ramo Têxtil – a Companhia Industrial Jahuense – fábrica de tecidos – de propriedade do grupo Camargo Corrêa. Esta empresa sofreu um processo de reestruturação e, em 2004, foi incorporada à Santista Têxtil, sendo uma parte transferida para a cidade de Americana/SP e outra para Aracajú/SE.

analistas, a causa do crescimento da indústria calçadista na cidade. Isto é, a mão de obra treinada e disponível no mercado criou as condições para que a indústria calçadista se desenvolvesse e novas empresas surgissem no setor. O saber técnico adquirido no próprio cotidiano do trabalho, permitiu que alguns trabalhadores, desligando-se das empresas em que trabalhavam, organizassem suas próprias fábricas. A ampla rotatividade entre os trabalhadores do setor teria contribuído para que esse saber fosse disseminado, o que foi decisivo na constituição e desenvolvimento desta atividade empresarial e produtiva na cidade.

Pesquisa realizada mais recentemente (RANGEL, 2010) dá conta de que em Jahu existem cerca de 180 indústrias fabricantes de calçados femininos. Além das empresas regularmente formalizadas, cerca de 200 bancas de calçados, a maioria atuando no mercado informal, fazem parte deste pólo industrial..

A maioria das empresas produtoras de calçados femininos instaladas em Jahu obedece a estrutura de empresas familiares. São pequenas e médias empresas, muitas criadas por filhos, sobrinhos dos pioneiros e também por antigos trabalhadores do setor.

Embora esse desenvolvimento já venha sendo observado desde os anos 1950, 1960 e 1970, é a partir da década de 1980 que se observará impulso ainda maior. Isso se deve a incentivos à oportunidade de exportar o que levou muitos empresários a buscarem recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). (OLIVEIRA, 1999 apud CONTADOR JR, 2004, p. 121),

Atualmente, no conjunto, as indústrias produtoras de calçados femininos em Jahu produzem em torno de 70.000 pares de sapatos por dia e empregam cerca de 10.000 trabalhadores, dentre eles muitas mulheres.⁶

4 A Mulher na Indústria Calçadista

A historiografia mostra a presença da mulher em atividades produtivas desde a Antiguidade Clássica, mas é a partir a Revolução Industrial que se verifica a participação mais maciça da mulher no mercado de trabalho.

Na produção calçadista, estudos indicam o emprego da mulher nesse setor como uma tradição, e desde o início da Revolução Industrial. Nogueira (2004, p. 20), por

⁶ De acordo com estudos realizados, a capacidade de produção instalada na indústria calçadista em Jahu é de 100.000/dia (ALVES, 2006; MARTINS JR, 2009). Em relação ao número de mulheres ocupadas, estima-se que gira em torno de 51% do total da mão-de-obra empregada.

exemplo, ao analisar a realidade do trabalho das mulheres no final do século XIX e a questão sindical da época, anota:

No que tange à questão sindical, havia setores industriais como o têxtil, o de **calçados**, o de tabaco e o de vestuário, nos quais a força de trabalho era predominantemente feminina. Seus sindicatos tinham como membros mulheres trabalhadoras que participavam das ações sindicais e grevistas.(grifo nosso)

Pesquisas recentes e realizadas no contexto da indústria calçadista brasileira mostram a presença da mulher na produção calçadista desde a década de 1920. (THOMAZINI, 2003, NAVARRO, 2003, 2006, REZENDE, 2006, SILVA, 2008).

Hoje, a força de trabalho feminina é empregada nos principais pólos produtores de calçados do país: Franca e Birigui, no Estado de São Paulo, no sul do país, região do Vale dos Sinos, Minas Gerais (Belo Horizonte, Nova Serrana, Juiz de Fora e Uberaba), Santa Catarina e mais recentemente, a partir da década 1990, no Nordeste brasileiro (Bahia, Ceará e Paraíba), nas indústrias calçadistas que para lá migraram, em um contexto de reestruturação e desconcentração produtiva, mostrando que o uso desta força de trabalho pela indústria calçadista não é exclusividade do pólo jahuense.

A indústria calçadista, pela sua própria estrutura e características, isto é, de trabalho intensivo, emprega considerável contingente de trabalhadores - homens e mulheres. No contexto da reestruturação produtiva e de mudanças organizacionais, tem-se observado uma entrada ainda maior da mulher neste mercado de trabalho, ocorrendo o que algumas autoras interpretam como um “processo crescente de feminização”. (SANTOS, 2004, RIGOTO, 2004).

Essa realidade permite perceber uma nítida divisão sexual no exercício das diferentes tarefas ou funções que compõem o processo de trabalho no calçado. Essa divisão, evidentemente, está marcada por questões de gênero e pela divisão sexual do trabalho.

5 O Processo de Produção do Calçado

O processo produtivo do calçado é basicamente composto das seguintes etapas ou fases: Modelagem; Corte; Costura ou Pesponto; Montagem; Acabamento; Empacotamento e expedição, podendo variar “.de acordo com o modelo de calçado em produção, o tipo de organização adotada ou o porte da empresa.” (NAVARRO, 2003, p. 121)

Em Jahu, o processo produtivo do calçado tem sido apresentado conforme o ciclo de produção que segue.

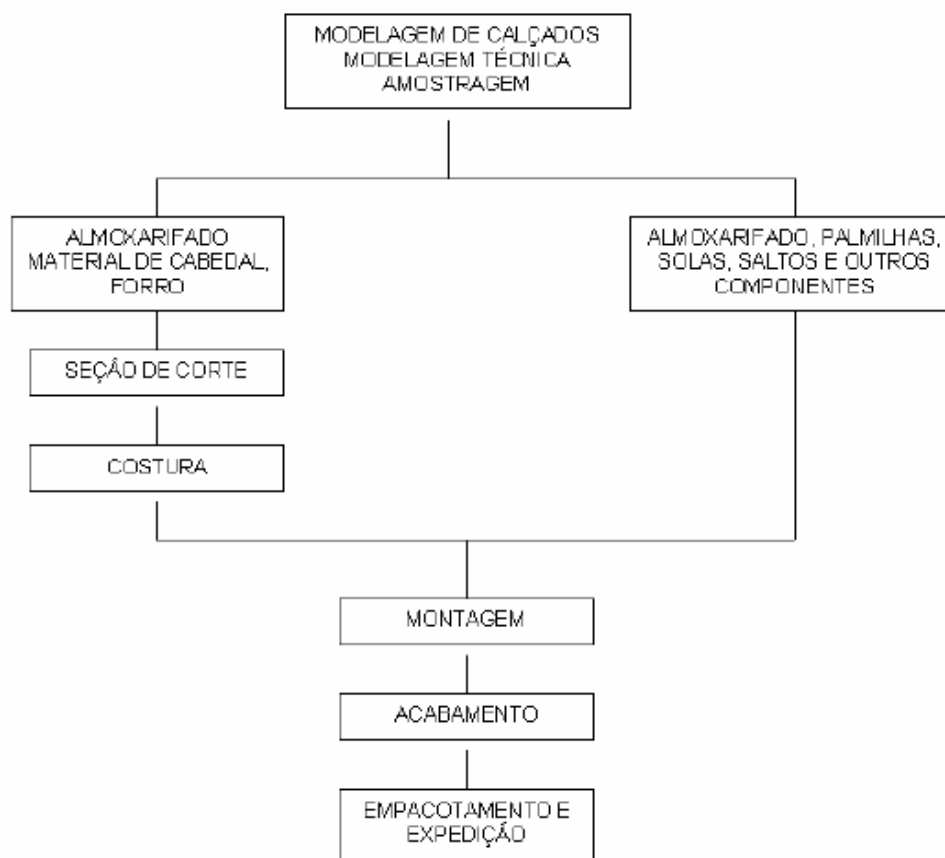


Figura1 – Ciclo de produção do calçado -

FONTE: Estudo da Atividade Empresarial...SEBRAE/Jaú, s/d

Segundo Navarro (2003, p. 122), a modelagem tem “ [...] papel estratégico no conjunto das atividades” e sua importância “[...] se deve principalmente às exigências de um mercado altamente competitivo, fundado na oferta crescente de novos modelos de calçados e na obsolescência rápida dos modelos já existentes.”

Afirmada a partir da indústria de calçados masculinos de Franca/SP, esta observação vale também para a indústria de calçados femininos de Jahu, com o agravante de que a produção de calçados femininos é ainda muito mais dinâmica e versátil, com grande variação de modelos, padrões, cores e materiais, que dependem da moda e da estação climática do ano.

A modelagem é uma das etapas da produção calçadista na qual, atualmente, as inovações tecnológicas de base microeletrônica são mais observadas, já que a base técnica do setor é ainda bastante conservadora. É nessa fase do processo produtivo que

observa-se o uso de sistemas CAD/CAM (*Computer Aided Design/Computer Aided Manufacturing*) Projetados especificamente para a indústria calçadista. (NAVARRO, 2003, 122).

No pólo calçadista de Jahu, o uso do sistema (CAD/CAM) se dá por algumas empresas consideradas maiores e mais avançadas tecnologicamente.

A modelagem é a etapa que define o calçado, que pode ser dividido em um ou em vários estilos. Os profissionais modeladores e estilistas constituem figuras importantes desse processo, pois podem exercer forte influência nesse processo (ALVES, 2006).

Em Jahu, como em outros centros produtores de calçados, Franca/SP, por exemplo, a concepção do calçado, ou seja, sua modelagem, se dá a partir de pesquisas realizadas na Europa, cujos modelos, padrões, cores, materiais, etc são adaptados à realidade local, mas também seguem as intenções de exportação dos empresários.

Pela posição estratégica que ocupa, inclusive sendo decisiva nas intenções de exportação e na comercialização geral do produto, a modelagem é considerada trabalho intelectual. Desta forma, na maioria das empresas é feita por homens, não excluindo a possibilidade de mulheres serem encontradas no exercício dessa atividade.

O almoxarifado é apenas um setor intermediário entre a modelagem e o corte, responsável armazenamento e guarda dos produtos (matérias primas) necessários à produção do calçado.

O corte é considerado a segunda etapa do processo produtivo. A operação de corte do calçado, em especial os de couro, conforme assinala Navarro (2003, p. 124), “[...] está entre aquelas operações consideradas mais qualificadas e melhor remuneradas no setor calçadista.” Isso porque depende do cortador, de sua habilidade o bom aproveitamento do couro, um dos insumos mais caros da indústria calçadista, “[...] depende, em boa medida, do conhecimento adquirido pelo trabalhador ao longo de anos de trabalho, que o capacita a avaliar corretamente suas características – seu tipo, maciez, textura, diferenças de cor, sentido das fibras, classificação etc” (NAVARRO, 2003, p. 125).

Em Jahu, conforme descrição constante do documento do SEBRAE, acima citado, o corte se dá no início do processo de produção e, geralmente, é realizado por trabalhadores do sexo masculino, não excluindo a possibilidade de também serem encontradas mulheres nessa atividade.

Na sequência, tem-se a chanfração que aparece como parte do sistema de corte. “Na chanfração as peças do calçado que sofrem sobreposição, ou os locais aonde pode haver possíveis acúmulos de material, são desquinados em ângulo, para que haja um caimento adequado e um calce confortável no calçado pronto.. (ESTUDO....s/d, p. 145).

Feita a modelagem e o corte do calçado, a etapa seguinte é a costura, também chamada de pesponto. Este é o setor que envolve maior número de trabalhadores na indústria de calçados e é também onde se vê a maior participação de mulheres.

Em Jahu, o trabalho do pesponto tem sido realizado tanto no interior das fábricas como em domicílio - bancas de calçados terceirizadas, muitas delas instaladas nas próprias residências dos trabalhadores, ou em barracões que não seguem as especificações das normas de segurança do trabalho.

[...] se encontra (a banca) na casa da proprietária/trabalhadora, em uma área ao lado da cozinha, um local com condições precárias e sem ventilação, no qual existe uma cadeira em que a trabalhadora fica sentada realizando o serviço. Não só o local de realização do trabalho é precário, mas o próprio trabalho o é, visto que a trabalhadora o realiza de modo repetitivo, sentada em uma cadeira e com as mãos cheias de esparadrapos devido às bolhas e machucados que a tesoura lhe causa. (MARTINS JR ; BARBOSA, 2011, p. 280).

Apoiando-se na ideologia da domesticidade, grande parte desse trabalho é realizado por mulheres em suas próprias casas, e muitas vezes com o envolvimento de crianças e adolescentes, que passam a incorporar a capacidade produtiva da família.

Os “donos” das bancas quase sempre são trabalhadores e trabalhadoras que tendo passado pelo trabalho nas fábricas, em algum momento delas se desligaram e, valendo-se do conhecimento adquirido na produção industrial, constituíram suas próprias bancas, ou, como costumam dizer, abriram negócio próprio, atuando muitas vezes na informalidade. Nas bancas, todavia, não é realizado apenas o trabalho do pesponto, mas também incorporam os trabalhos de colagem de palmilha e cepa (enfaixetamento), refilação. Algumas bancas promovem ainda a “quarteirização”, ou seja, o repasse de serviços para outros trabalhadores (MARTINS JR; BARBOSA, 2011).

Uma banca visitada pelos pesquisadores acima, a proprietária repassava serviços para outras 15 pessoas, conforme demonstram:

A dona está há dez anos com a banca, mas já trabalhou dezesseis anos em fábrica, saiu das fábricas porque tinha que cuidar dos filhos. Ela afirma que na fábrica ela ganhava mais, mas na banca ela não tem que dar satisfação a ninguém; se precisar ir a algum lugar ela sai e vai, enquanto na fábrica ela tinha que cumprir o horário. Porém, ela afirma que **trabalha das sete da manhã às oito da noite, uma jornada de**

mais doze horas. (MARTINS JR; BARBOSA, 2011, p. 280). (grifo nosso)

A possibilidade de autonomia revestida na ideia de liberdade, de poder ir e vir sem dar satisfação ao patrão permeia a fala das trabalhadoras. Esta é uma característica que, aliás, é também assinalada por Navarro (2003). Todavia, o uso mais intensivo dessa força de trabalho com longas jornadas e o ganho inferior em relação às fábricas formais fica patente na fala da trabalhadora, reafirmando o processo de precarização das relações de trabalho que se verifica no setor.

Depois da modelagem e do corte, tem-se o trabalho de montagem. “Montar o sapato já foi sinônimo de fazer o sapato” (NAVARRO, 2003, p. 156). No setor de montagem, ocorre a união do cabedal (parte de cima do sapato) com os componentes e o solado, o que resulta no calçado pronto.

Em Jahu, a montagem do sapato por ser considerada uma operação de relativa complexidade, pelo que tudo indica, é realizada nas próprias fábricas, por homens e mulheres, não estando excluída a possibilidade de este trabalho ser realizado nas bancas e muitas vezes por mulheres.

Montado o calçado, seguem-se as tarefas de acabamento, empacotamento. O acabamento, também chamado de limpeza, são os últimos retoques recebidos pelo calçados, com vistas a deixá-los com boa aparência.

Normalmente, primeiro efetua-se a operação de limpeza, onde, por exemplo, são removidas eventuais manchas de adesivos, pontas de linhas de costura etc..., ou aplicados pequenos retoques com tinta para corrigir eventuais falhas de coloração.

A seguir, se for o caso, é efetuado o acabamento da superfície, que pode consistir em alguma pintura, na aplicação de algum creme, numa escovação para conferir-lhe um aspecto de queimado ou um brilho. (ESTUDO..., s/d, p. 147).

As tarefas de acabamento normalmente são realizadas por mulheres, podendo também ser encontrados homens exercendo essas atividades. Na distribuição de tarefas, evidentemente, pesa a divisão sexual do trabalho que também está presente em outras atividades produtivas e esbarra, ainda, na concepção do que é socialmente entendido por “serviço de homem” e “serviço de mulher”. Neste sentido, Thomazini (2003, p. 178) anota:

A divisão sexual do trabalho é um dos lócus da divisão sexual da sociedade; esta, por sua vez, é instituída por relações de poder definidoras de uma hierarquização material e simbólica de tarefas a serem desenvolvidas por homens e mulheres, que estabelecem vínculos de dominação e subordinação nas diversas esferas do social.

Também Silva (2008), que analisou a divisão etária e sexual do trabalho na dinâmica do capital flexível em uma unidade produtiva de calçado em Ipirá-BA, destaca:

Mulheres e homens ocupam espaços diferentes na produção fabril, sendo que “a seção de máquinas” se caracteriza como um reduto masculino, enquanto o trabalho manual no pesponto [...] se constituem em espaços de concentração feminina, ou, “guetos” onde os “trabalhos femininos”, extensão das atividades domésticas são realizados.

A autora prossegue dizendo que esta divisão do trabalho profissional não é natural, mas historicamente consagrada e somente poderá ser compreendida se considerarmos:

[...] as dimensões explicativas oriundas da esfera extra profissional, como, por exemplo, a atribuição diferenciada das tarefas domésticas [...] as correlações de força e as relações de poder entre os sexos não apenas na empresa, mas também na família e na sociedade. (HIRATA, 1998, p. 15 apud SILVA, 2008, p. 91) .

Confirmando o que os estudos sobre o trabalho feminino vêm destacando a respeito da importância que o capital atribui à força de trabalho feminina na atualidade, para os empresários produtores de calçados, a utilização desta mão de obra nas atividades produtivas, em especial no pesponto e na fase do acabamento, se dá pelo fato de a mulher apresentar algumas “qualidades” que são fundamentais para a realização desses trabalhos. De acordo com a percepção desses empresários, o trabalho com o calçado, particularmente na etapa de acabamento, exige atenção, cuidado, delicadeza, destreza manual, capricho e grande dose de observação minuciosa, para que os sapatos fabricados não apresentem defeitos, evitando assim devoluções com cancelamento de pedidos e, conseqüentemente, prejuízos.

Corroborando com esta percepção e ainda destacando as qualidades físicas dos sujeitos, Silva (2008, p. 92) observa que:

O ramo calçadista possui funções que dependem muito de atributos como habilidade e destreza manuais, capacidade de concentração e atenção aos detalhes. Vistas como portadoras desses atributos, as mulheres são designadas para o trabalho manual e “auxiliar”, enquanto os homens culturalmente definidos como “naturalmente” fortes e corajosos, acabam sendo direcionados para o trabalho “pesado” e “perigoso”, existente no setor.

O setor de acabamento é decisivo na produção de calçados, pois dele depende a boa apresentação do produto que chegará ao consumidor final. Na produção de calçados femininos, talvez ainda mais do que nos masculinos, a preocupação com o bom

acabamento, com a boa aparência e a ausência de defeitos se torna fundamental dado ao fato de os consumidores serem mulheres, consideradas sujeitos amplamente minuciosos, observadores e exigentes.

Este discurso, que procura justificar o uso do trabalho feminino na indústria calçadista em geral e em Jahu em particular, é ratificado mesmo quando o empregador é mulher, situação, aliás, que não é incomum na cidade. Na esteira de um discurso neoliberal que prega o empreendedorismo e que destaca a figura feminina com alto potencial empreendedor, vêm surgindo na cidade várias empresas produtoras de calçados lideradas por mulheres, algumas das quais antigas trabalhadoras das fábricas de calçados, ou esposas de empresários.

Enfim, na indústria calçadista jahuense há, por parte dos empresários, certa unanimidade quanto às vantagens do uso da força de trabalho feminina na produção de calçados. Todavia, a incorporação dessa mão de obra, nessa localidade específica, se faz mediante condições próprias do setor. Não apresenta, contudo, grande diferenciação em relação o uso da força de trabalho de mulheres em outros setores e em outros contextos.

Especialmente os trabalhos de acabamento, embora importantíssimos na produção de calçados e em grande medida responsáveis pela apresentação do produto gozam de menor prestígio na escala hierárquica das empresas. São considerados trabalhos de baixa complexidade, “mais simples”, “mais fáceis”, “mais leves”. Isto evidentemente reflete não apenas nas condições de trabalho e salário dessas trabalhadoras, mas também em suas vidas.

6 A Sapateira e Sua Realidade em Jahu

As mulheres que trabalham nas atividades de produção de calçados femininos em Jahu apresentam trajetórias de vida e de trabalho muito semelhantes a de outros grupos, em outras localidades e em outros contextos. A maioria foi inserida no trabalho fabril ainda muito jovens, entre 15 e 16 anos. Para Silva (2008), que analisou a questão do sexo e da faixa etária na indústria de calçados de Ipirá/BA, a preferência do setor fabril por esta mão de obra jovem, desde o início do processo de industrialização e da indústria calçadista em particular, se deve ao fato de o capital criar as possibilidades de ele próprio treinar e adaptar essa mão de obra de acordo com suas necessidades. Contratar um trabalhador sem vícios que poderá ser moldado. (SILVA, 2008)

Para Silva, o emprego de mulheres jovens: ,

[...] parece estar associado a uma maior possibilidade de controle e de disciplina, no caso das mulheres em função de sua posição de subalternidade cultural e institucional em relação aos homens [...] propiciando uma maior subordinação nas relações de trabalho. (SILVA, 2008, p. 21)

No pólo calçadista de Jahu, em um caso pesquisado por Martins Jr. e Barbosa (2011), a trabalhadora, que na época da pesquisa (Julho de 2007 a janeiro de 2009) contava com 46 anos, revelou que depois de trabalhar em casa de famílias, “Com 15 anos começou a trabalhar em uma fábrica de calçados; sua primeira função foi de coladeira e depois passou para o pesponto.. (MARTINS JR; BARBOSA, 2011, p. 280).

Na pesquisa por nós realizada com um grupo de 10 trabalhadoras, as idades variaram de 17 a 45 anos, sendo que a média de idade das participantes da pesquisa foi de 25,9 anos. Dentre as trabalhadoras pesquisadas, duas eram divorciadas, duas casadas, seis solteiras e apenas duas tinham filhos (4 e 1 anos respectivamente)

Essas mulheres, que aqui serão designadas como sujeitos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10, como já assinalado, realizavam seus trabalhos dentro das fábricas de calçados e também nas bancas terceirizadas. Solicitadas a descreverem suas funções, ou seja, os trabalhos que realizavam por ocasião da pesquisa assim se manifestaram:⁷

Sujeito 1 – Recebo o cabedal do sapato e pesponto na máquina de costura, conforme o modelo.

Sujeito 2 – Atualmente, estou trabalhando como dama de companhia durante o dia, pois à noite meu filho traz serviços da fábrica para fazer em casa.

Sujeito 3 – Reviso o serviço que vem das bancas terceirizadas.

Sujeito 4 – Reviso os cortes que vêm das bancas para que estejam perfeitos para ir para a montagem, queimo as pontas de linha, vejo a armação, limpo sujeira de cola e verifico pequenos defeitos.

Sujeito 5 – Recebo fichas de sapatos já prontas para ir para a montagem, e preciso revisar todos os detalhes e se houver algum erro, corro atrás para consertá-los. Sou responsável pelas fichas irem certas para montagem.

Sujeito 6 – Verifico todas as fichas de sapatos que vêm das bancas, se apresentam defeitos.

Sujeito 7 – Eu risco palmilhas e preciso ter muita atenção, pois são vários modelos e também preciso conferir a quantidade de pares de cada ficha, olhar o corte do forro e da gota. (Taloneira)

Sujeito 8 – Meu serviço é o principal por ter que armar sapatos.

Sujeito 9 – Recebo o material em couro e corte e refilo na máquina.

Sujeito 10 – Eu ajudo a dobrar e armar o sapato para chegar na mão do pespontador.

⁷ Lembramos que as respostas foram escritas de próprio punho no questionário que foi entregue às trabalhadoras..

Pelas descrições acima, percebe-se que, embora as trabalhadoras indiquem a realização de trabalhos ligados a montagem do calçado, como a sujeito número 9 que refere ajudar a “dobrar e armar o sapato para chegar na mão do pespontador”, as funções predominantes são pesponto, revisão, limpeza do sapato, dobradeira e refiladeira. Estas funções por constituírem os trabalhos de acabamento dos sapatos exigem, como demonstram as próprias trabalhadoras, atenção, cuidado, delicadeza e grande capacidade de observação. Uma das entrevistadas, quando solicitada a falar sobre quais as funções exercidas pelas mulheres na produção de calçados resumiu sua resposta em três palavras: *As mais delicadas*.

O trabalho realizado, por sua vez, tem consequência direta nos salários, ou seja, define os salários auferidos por estas trabalhadoras.

Felipe Rangel Martins, que realizou sua pesquisa mais tarde, entre 2010 e 2012, e verificou a realidade de uma trabalhadora de uma banca informal anotou que esta trabalhadora “ [...] recebe 34 centavos por par de palmilha enfachetado, a remuneração mensal varia de 500 a 750 reais. A jornada de trabalho começa às 7h da manhã e vai até às 19h, aproximadamente.” (MARTINS, 2013, p. 34-35).

Queixas relacionadas às longas jornadas de trabalho foram detectadas por Martins Jr e Barbosa (2011) e Martins (2013). Na pesquisa que fizeram com trabalhadoras das bancas informais foi relativamente comum menção à extensão da jornada de trabalho para o período noturno com o objetivo de cumprir as metas estabelecidas pelas fábricas, bem como conseguir uma melhor remuneração ao final do mês, como é o caso da banca visitada por Martins (2013, p. 35) que, conforme o autor destaca, “Nos períodos de maior produção, a jornada pode ir até às 22h e incluir os domingos”. Nas bancas visitadas por Martins Jr e Barbosa (2011, p. 282), também houve referência à participação de homens (maridos, filhos) ajudando suas esposas ou mães, quando chegam em casa, após o trabalho na fábrica

Em outros casos, trabalhadores homens, que trabalham formalmente nas fábricas de calçados, podem se tornar mediadores na distribuição desses trabalhos junto às mulheres da família, como se refere-se uma de nossas informantes: “*atualmente estou trabalhando como dama de companhia durante o dia, pois à noite meu filho traz serviços da fábrica para fazer em casa.*”

Na percepção das trabalhadoras, apesar do elevado número de horas trabalhadas diariamente, seus salários não correspondem ao trabalho realizado. Disso elas se

ressentem e denunciam diferenças entre os salários dos homens e das mulheres. Quando inqueridas sobre a existência de diferenças entre o salário das mulheres e dos homens, responderam:

Sujeito 2 - *Sim, pois o serviço do homem tem mais valor para as empresas e a mulher acaba ficando sempre com menos.*

Sujeito 7 - *Digamos que sim, porque tem muitas mulheres que fazem o mesmo serviços que os homens e ganham bem menos.*

Sujeito 9 - *Existem e depende da função, mas geralmente a mulher está sempre com menor salário.*

Ainda, em relação ao questionamento acima, obtivemos as seguintes respostas:

Sujeito 1 - *Existem, depende da função, tempo de serviço e oportunidade.*

Sujeito 4 - *Depende da função exercida e do favorecimento das chefias. Sim, depende a função que cada um exerce.*

Sujeito 5 - *Sim, devido o tempo de serviço e pelo que eles fazem, pois as mulheres estão começando a se encaixar na área calçadista mais forte.*

Sujeito 6 - *Sim, depende do grau de experiência, função e categoria.*

Sujeito 8 - *Sim.*

Sujeito 10 - *Existe porque depende da função exercida e a política da empresa.*

Percebe-se que as trabalhadoras tendem a atribuir as diferenças salariais às diferenças de funções, ao tempo de serviço, as oportunidades no emprego, ao favorecimento das chefias, sendo ainda que a política adotada pela empresa é também decisiva na definição dos níveis salariais. (SILVA; SANTOS, 2006, p. 39).

Embora as mulheres estejam começando a entrar em funções que tradicionalmente são desempenhadas pelos homens, como declarou nossa sujeito número 5, “*pois as mulheres estão começando a se encaixar na área calçadista mais forte*”, verifica-se que as diferenças salariais persistem. Os homens realizam, como já destacado, as funções ligadas a modelagem, corte e montagem do calçado considerado pela empresa e pelos próprios trabalhadores como funções mais importantes no processo de trabalho, “*mais forte*” como se refere a trabalhadora acima.

6.1 A Casa: Espaço de Vida e de Trabalho

Além dos trabalhos realizados na produção fabril, aquelas trabalhadoras que trabalham nas fábricas, especialmente as casadas, ou mesmo as solteiras com filhos, declararam que ao chegarem à sua casa têm que conciliar os afazeres domésticos com os

cuidados com os filhos. Todas afirmaram ter muita dificuldade em conciliar as tarefas domésticas com as de trabalho na fábrica. Algumas disseram:

Sujeito 4 - As tarefas (domésticas) têm que ficar para o fim de semana . (solteira – 17 anos)

Sujeito 5 - Em casa, durante a semana não me esforço muito, pois chego cansada demais e deixo as coisas mais pesadas para o fim de semana .(solteira – 26 anos)

Sujeito 8 - Com muita dificuldade, pois é muito corrido (solteira – 19 anos)

Sujeito 9 - Com muita dificuldade e rapidez (casada 19 anos)

Sujeito 10 - Com muita dificuldade, por falta de tempo (solteira – 19 anos) (SILVA; SANTOS, 2006, p. 40)

6.2 Oportunidades no Trabalho

Submetidas ao um trabalho desgastante e com salários abaixo dos auferidos pelos homens, as mulheres da produção calçadista, em Jahu, vêem suas chances de mudar esta realidade reduzidas. Algumas percebem as desigualdades presentes no setor e associam isto a injustiça. “*Há muitas injustiças, pois as oportunidades melhores ficam para os homens.*” (Sujeito 2)

Complementando as informações de nossa informante número 2, outras disseram:

Sujeito 6 -As oportunidade são maiores para os homens

Sujeito 7 - Os homens têm mais oportunidades para serviço braçal que são poucos.

Sujeito 8 - São poucas [as oportunidades] para as mulheres.

Sujeito 9 – Maiores [as oportunidades] para os homens.(SILVA; SANTOS, 2006, p. 40-41)

E há ainda aquelas mulheres que parecem acreditar em um caminhar lento e moroso nesse processo de conquistas, como informam as sujeitos números 5 e 10 .

Sujeito 5 - Os homens ainda têm um pouco mais de oportunidade na área de corte, operar máquinas, mas as mulheres estão quase chegando lá.

Sujeito 10 - São maiores [as oportunidades] para os homens, pois as mulheres estão ganhando seu espaço com lentidão. (SILVA; SANTOS, 2006, p. 41)

Assim, com suas oportunidades reduzidas, as promoções no trabalho, quando existem, tendem a privilegiar mais os homens. Poucas mulheres têm conseguido ascender a postos de trabalho que se equiparam aos ocupados pelos homens. Algumas

ocupam postos de comando, como encarregadas, por exemplo, mas, como indica a trabalhadora acima, esta mobilidade profissional ocorre “*com lentidão*” .

6. 3 Relações com o Sindicato

Vivendo e trabalhando em um setor em que, apesar da grande presença feminina, é ainda fortemente marcado pela ideologia machista, as mulheres parecem encontrar poucos espaços para suas lutas e reivindicações. Neste sentido, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Calçado de Jahu, que poderia representar o canal por onde reivindicações pudessem acontecer, parece não corresponder às expectativas das trabalhadoras. Quando perguntadas sobre a percepção que têm a respeito do sindicato e do trabalho por ele desenvolvido, percebemos certa descrença na sua atuação, conforme se observa nos relatos abaixo:

Sujeito 1 - Muito fraco, pois só luta pelos interesses próprios, se intimida com a força dos patrões.

Sujeito 2 - Péssimo .

Sujeito 3 -Vejo um sindicato pouco atuante que não trazem resultado .

Sujeito 4 - Eu acho que o sindicato só usa o seu próprio lucro, toma decisões sem ao menos saber a opinião dos trabalhadores.

Sujeito 6 – Um trabalho pouco eficiente e que busca apenas os interesses momentâneos, como decidiu, deixando muito a desejar.

Sujeito 8 - Muito ruim, pois não lutam por um salário melhor.

Sujeito 9 - Um trabalho fraco, nunca consegue muita coisa aos operários.

Sujeito 10 - Péssimo, o sindicato pouco consegue para a categoria.
(SILVA, SANTOS, 2006, p. 41)

O sindicato, na percepção das trabalhadoras, parece ter pouca expressão, pois, segundo elas, ainda se dedica pouco aos problemas vivenciados no setor. Conforme expressa uma trabalhadora, “*Se intimida com a força dos patrões*”, o que não garante o atendimento das suas expectativas, deixando a desejar.

O sindicato, como também demonstrou a percepção das trabalhadoras entrevistadas na pesquisa realizada por Martins Jr e Barbosa (2011, p. 283), “[...] é oprimido pelo patronato e pouco consegue para classe funcional ou categoria.”

6. 4 Sonhos e Perspectivas de Futuro

A realidade do trabalho e da vida prática das mulheres que trabalham na indústria calçadista de Jahu, como se pode perceber, é marcada por questões que perpassam as relações sociais de gênero, a divisão sexual do trabalho e de poder presentes na sociedade. A mulher como um ser sociocultural tem incorporado tais valores, crenças, concepções que estão presentes na vida social.

Assim, quando se fala em perspectivas de futuro há forte tendência em se reproduzir aquilo que está presente na sociedade. Dentre nossas informantes, sete declararam ter o desejo de mudar de atividade, apontando como ocupações desejadas o trabalho em comércio (lojas), de professoras e serviços administrativos (serviços de escritório).

Embora reconheçam a dificuldade em galgar outros postos de trabalho, dada a tradição da cidade no setor calçadista, estas mulheres não deixam de sonhar. O sonho como algo intrínseco ao ser humano se manifesta nas expressões dessas trabalhadoras como o desejo de mudar de profissão, mudar de vida e de conquistar uma nova condição social que se faça acompanhar por um pouco mais de conforto, de igualdade e dignidade.

Ao falarem dos seus sonhos, mais uma vez, realçam as diferenças salariais e ressentem o fato de ainda ocuparem cargos hierarquicamente desprestigiados. Embora reconheçam sua importância no processo produtivo do calçado, as mulheres não deixam de perceber o lugar subalterno que a maioria ainda ocupa na produção calçadista de Jahu. Por isto sonham em ascender profissionalmente. Há aquelas que sonham em se tornar gerentes, encarregadas, ou ainda modelistas..

Poder ter o próprio negócio, deixar de ser empregadas e conquistar autonomia, ainda que relativa e ilusória, está também entre os sonhos e as possibilidades vislumbradas por estas trabalhadoras. Com isso, o que sonham e desejam é ter condições de oferecer uma vida melhor para seus filhos ou para a família e, quem sabe, poder ainda comprar a tão sonhada casa própria. Quando solicitadas a falar sobre um sonho, puderam se colocar dizendo: Meu sonho é:

***Sujeito 1** - Ter um emprego e condição de vida melhor.*

***Sujeito 2** - Ter uma vida e salário melhor .*

***Sujeito 3**- Poder deixar de ser empregado e abrir um negócio próprio.*

***Sujeito 4** - Penso em crescer profissionalmente na área calçadista, quem sabe me tornar um dia gerente ou encarregada, ou até mesmo ter meu próprio negócio.*

***Sujeito 5** - Meu sonho é ainda fazer faculdade e dar uma vida muito boa para meu filho..*

Sujeito 6 - *Conseguir um emprego melhor e comprar uma casa para minha mãe.*

Sujeito 7 - *Quem sabe fazer um curso superior e que eu possa continuar trabalhando com calçados, talvez me tornar uma modelista.*

Sujeito 8 - *Ter minha própria casa.*

Sujeito 9 - *Uma vida melhor, um pouco mais de conforto.*

Sujeito 10 - *Conseguir um emprego melhor e ajudar minha família.*

A dureza da vida e do trabalho não as impede de sonhar. Mas também ficou patente na pesquisa, por parte de algumas trabalhadoras entrevistadas que já parecem acostumadas com a situação vivida, o medo do desemprego e de outras possíveis intempéries.

Observamos, ainda, aquelas que preferem usar o seu tempo livre assistindo televisão, dedicando-se às tarefas domésticas, saindo com amigos, dançando. Mas prevaleceu o desejo de descansar, o que mais uma vez revela o caráter desgastante da atividade de trabalho no calçado.

Tudo isso contribui para que essas mulheres, embora tenham gradativa e lentamente conquistado espaços neste mercado de trabalho específico, ainda percebem suas condições de trabalho como uma necessidade de sobrevivência. É esta necessidade que as faz encarar o dia a dia como uma forma de ganhar seu sustento e de sua família. Quando inquiridas sobre o significado do trabalho na indústria de calçados em Jahu, responderam:

Sujeito 1 - *Uma necessidade de sobrevivência e pagar as contas.*

Sujeito 2 - *Necessidade de sobrevivência*

Sujeito 3 - *Um meio de sobrevivência.*

Sujeito 6 - *Muito mais uma necessidade e falta de outra opção para a sobrevivência.*

Sujeito 10 - *Uma necessidade, uma forma de ganhar a vida.*

As trabalhadoras acima reafirmam a condição que o trabalho assumiu na sociedade capitalista: a mercadoria força de trabalho, que alienada carrega o fardo cotidiano para garantir a sobrevivência. Nesse processo, o prazer, a realização pessoal cedem lugar para a necessidade de ganhar a vida.

Para outras, o trabalho, nas condições enfrentadas, é ainda uma falta de opção, conforme revelam os depoimentos abaixo:

Sujeito 8 - *Não temos em Jaú muita opção, só fábrica de calçados.*

Sujeito 9 - *Uma opção única, pois não existe muito emprego na cidade.,*

Poucas foram as que afirmaram gostar do que fazem e declararam sentirem-se dignificadas pelo trabalho que realizam:

Sujeito 5 - Gosto do que faço. Para mim é muito melhor trabalhar em fábrica de calçados, pois tenho minha renda fixa.

A fala da trabalhadora acima revela a busca de autonomia. Apesar de constituir a minoria, a afirmação dessa trabalhadora não pode ser desconsiderada. Mesmo em contexto de trabalho assalariado e dominado, sua fala indica a importância que o trabalho assume na existência humana. “Além de garantir a sobrevivência o trabalho carrega outros sentidos.” (SILVA, 2008, p. 26). No caso específico da mulher, a possibilidade de ter a sua própria renda fixa, libertar-se da dependência do homem representa a conquista da autonomia. Neste sentido, o trabalho passa a ser visto como instrumento de libertação e emancipação humana

São essas algumas das questões que marcam as condições de trabalho e de vida das mulheres na indústria calçadista da cidade de Jahu, e que puderam ser verificadas nesta pesquisa preliminar

7 Considerações Finais

Procurou-se neste trabalho resgatar alguns elementos que nos permitissem uma aproximação com a realidade vivida por mulheres trabalhadoras da indústria calçadista da cidade de Jahu, interior do estado de São Paulo. Guardadas as características locais, pode-se perceber que as condições de trabalho e de vida vivenciadas por estas trabalhadoras pouco diferem de outros contextos onde se desenvolve a atividade calçadista

Marcadas pelas relações sociais de gênero e pela divisão sexual do trabalho, tradicional na atividade calçadista, as trabalhadoras da indústria calçadista de Jahu realizam trabalhos menos prestigiados no processo de produção do calçado, ou seja, atividades mais ligadas ao acabamento do sapato, o que, conseqüentemente, interfere no valor dos salários por elas percebidos, bem como em suas oportunidades de trabalho e de promoção no emprego.

Em Jahu, as mulheres que trabalham na produção do calçado exercem suas atividades em fábricas e em bancas que atuam no mercado formal e informal. Suas percepções acerca do trabalho que realizam indicam as desigualdades apresentadas entre trabalho masculino e feminino. Há por parte dessas trabalhadoras ressentimentos quanto à posição ocupada, salários percebidos e falta de oportunidades no trabalho. O

desgaste que sofrem no processo de trabalho leva a maioria das trabalhadoras a perceber o trabalho como uma questão de sobrevivência, um meio para ganhar a vida. Poucas, na verdade, das 10 mulheres entrevistadas, apenas uma afirmou gostar do que faz e vê no trabalho uma possibilidade de conquista de autonomia.

O sindicato que poderia representar um canal de lutas e reivindicações é visto pelas trabalhadoras com pouca expressão política, pouca representatividade diante de um patronato autoritário e opressor. Assim, com a reestruturação produtiva e o aumento das bancas de calçados na cidade a partir da década de 1990, particularmente nas bancas que atuam na informalidade, as condições de trabalho e de vida dessas mulheres tendem a sofrer um processo de agravamento das condições de precarização, o que faz com que muitas delas sonhem em mudar suas condições de vida e trabalho. Esse sonho, contudo, esbarra nas características próprias da localidade, onde as oportunidades de trabalho para as mulheres estão fundamentadas basicamente na indústria calçadista.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Márcia Cristina. **Arranjos Produtivos Locais: o caso das indústrias de calçados femininos de Jaú**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). UNIMEP, Piracicaba, 2006, 253 f
- BLASS, Leila M. da S. **Gênero e Trabalho: Trajetórias de uma Problemática**. In ADORNO, Sérgio (org) **A Sociologia Entre a Modernidade e a Contemporaneidade**. RGS: Editora da Universidade/SBS, 1995
- CONTADOR JR. Osvaldo. **Tecnologia e Proteção Ambiental nas Indústrias do Couro e Calçados na região de Jau-SP**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). UNIARA, Araraquara/SP, 2004, 173 f
- ESTUDO DA ATIVIDADE EMPRESARIAL – SETOR CALÇADISTA – FABRICAÇÃO DE CALÇADOS FEMININOS – JAÚ – SP. SEBRAE, s/d . disponível em <
- GAZZONA. Raquel da Silva. **Trabalho Feminino da Indústria do Vestuário. Educação e Sociedade**. Ano XVIII, no. 61, Dezembro-1997
- LOBO. Elisabeth S. **O Trabalho Como Linguagem. O Gênero no Trabalho**. **BIB**. Rio de Janeiro, no. 31 p. 7-16, 1º. Semestre/1991
- MARTINS JR. Ângelo. **Relações de trabalho no Arranjo Produtivo de Calçados em Jaú**. Monografia (Conclusão do Curso de Ciências Sociais). São Carlos. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2009.

MARTINS JR. Ângelo e BARBOSA, Attila Magno e Silva . As Artimanhas da Flexibilização. **Política e Trabalho**.Revista de Ciências Sociais no. 34, abril de 2011, p. 265-190

MARTINS, Felipe Rangel. **Autonomia Empreendedora ou a Legitimação da Precariedade**. Monografia (Conclusão de Curso de Ciências Sociais). São Carlos, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2013, 54 f

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1, Vol 1, São Paulo: Difel, 1984

NAVARRO, Vera Lúcia. Reestruturação Produtiva na Indústria de Calçados de Couro em Franca/SP. In **Idéias**, ano 9 (2) – 10 (1) O Averso do Trabalho. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp, Campinas. p. 113-173, 2003.

NAVARRO, Vera Lúcia.**Trabalho e Trabalhadores do Calçado**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho**. Campinas.SP: Autores Associados, 2004.

REZENDE. Vinicius Donizete. A Construção Social da Divisão Sexual do Trabalho Entre as Operárias do Calçado: Franca, década de 1950 a 1980. Revista Esboços. no. 16 Florianópolis, UFSC, p. 221-247, 2006

RIGOTO, Raquel M. O “Progresso” chegou, e agora?: As Tramas da (in)sustentabilidade e da sustentação simbólica do desenvolvimento. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004 .

SANTOS, Tânia Steren dos. Divisão Sexual do Trabalho na Indústria Calçadista do Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul: Visualizando Práticas e Representações.. Mulher e Trabalho. Porto Alegre: FEE, p. 59-74 disponível em<<http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/viewFile/2724/3047>> acesso em 20 ago. 2013.

SCOTT, Joan W. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, p. 5-22, jul-Dez/1990

SILVA Anselmo e SANTOS, Scyllas Américo dos. **A mulher na Indústria Calçadista de Jaú/SP**. TCC (Administração). Faculdades Integradas de Jaú. Jaú, 2006, 52 f.

SILVA. Maria Aparecida Moraes et al. Do Karosho no Japão à Birola no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado. **Revista Nera**. Presidente Prudente, Ano 9, no. 8, p. 74-108, Jul/Dez-2006.,

SILVA, Zilmar Alverita da. **Divisão Etária e Sexual do Trabalho: o Sexo e a Idade na Dinâmica do Capital Flexível Numa Unidade Produtiva de Calçado de Ibirá-BA**. Dissertação (Mestrado em Estudos Disciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Universidade Federal da Bahia- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2008

THOMAZINI, Maria Lúcia Vanunuchi. **A Mulher na Fábrica de Sapatos: Trabalho e Gênero na Indústria Calçadista de Franca-SP.** Tese (Doutorado em Sociologia). UNESP/Araraquara, 2003.